

Saem mais US\$ 850 milhões

TATIANA BAUTZER

O temor de que o ajuste planejado pelo governo seja barrado no Congresso provocou reação morna dos mercados financeiros ao anúncio das medidas fiscais. As bolsas fecharam em baixa, dólar e juros subiram nos mercados futuros e o volume de saídas de dólares do país mais que dobrou em relação à média do mês de outubro, atingindo US\$ 850 milhões.

O mercado logo percebeu que grande parte do ajuste dependerá da disposição dos parlamentares em aprovar medidas polêmicas, como contribuição de servidores inativos, reforma da Previdência e restrições a gastos de estados e municípios.

Durante o anúncio feito pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, a Bolsa de São Paulo chegou a registrar alta de 3%. Alguns operadores afirmaram que entidades do governo compraram ações. No fim do dia, as bolsas recuaram. O índice Bovespa, de São Paulo, fechou em baixa de 0,62%, e o IBV do Rio caiu 0,18%.

As altas saídas de dólares, que já estavam sendo registradas antes do fim do pregão na bolsa, tiveram influência sobre o resto do mercado. Até as 19h20, alcançaram US\$ 823 milhões. Cerca de US\$ 600 milhões saíram pelo câmbio comercial e US\$ 223 milhões pelo flutuante. A expectativa era que o número final ficasse em torno dos US\$ 900 milhões.

Responsabilidade – Para o diretor de mercados emergentes do Banco Goldman Sachs, Paulo Leme, o programa do governo é bom pela intenção de fazer mudanças estruturais – especialmente a criação de responsabilidades fiscais para estados que gastarem mais que o permitido.

Mas não deve ser suficiente para restaurar a confiança agora. "Ainda é preciso saber se a reação do Congresso será hostil ao programa ou não". Segundo Leme, provavelmente o FMI só liberará os recursos para o Brasil depois de algum sinal positivo do Congresso e não deve haver impacto positivo imediato nem nas taxas de juros nem no fluxo de dólares. Mas o economista não acredita em impacto positivo imediato nem nas taxas de juros nem no fluxo de dólares.

A reação dos mercados internacionais aparentemente também foi fria. Os C-Bonds, títulos da dívida externa brasileira mais negociados, caíram 2%, fechando a 61,2% de seu valor de face.

O ex-presidente do BNDES, economista do banco BBA Creditanstalt, Edmar Bacha, acredita que os mercados só reagirão bem quando virem o dinheiro prometido pelo FMI entrar no Brasil. Bacha acredita que isso possa acontecer em meados de novembro.

Juros – Ontem, o maior nervosismo aconteceu nos mercados futuros. As taxas de juros dispararam,

mostrando expectativa de uma queda de juros mais gradual e difícil do que se imaginava. O contrato para dezembro pagou 39,07%. A projeção de juro para janeiro subiu para quase 35%, contra uma média de 31 a 32% dos dias anteriores. O contrato que procura prever juros no período de um ano (swap) pagou em média 30,5% na média, contra pouco menos de 29% no dia anterior. A expectativa de desvalorização cambial no mercado futuro de dólar também continuou. Os contratos futuros de dólar subiram ontem e houve venda por parte do Banco do Brasil.

Para o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Alfredo Rizkallah, a reação inicial dos mercados não foi ruim. "Não credito a saída de dólares ao pacote, pode ter havido vencimentos de papéis", disse.

Embora haja temores em relação à dificuldade política de aprovação, a proposta foi elogiada pelo seu alcance. "Pretende-se um ajuste perpétuo mexendo na estrutura das finanças públicas", disse a analista de macroeconomia do Lloyds Bank, Luciana Fagundes.

Ganhos – A intenção de fazer mudanças estruturais parece firme e já em 99 estão sendo previstos ganhos resultantes das reformas da Previdência e administrativa. Segundo Edmar Bacha, 11% do ajuste virão da reforma da Previdência e 2% da reforma administrativa.

Mas a maior concentração no primeiro ano será mesmo no aumento de receita – que representa 47%. O corte de gastos seria responsável por 40%, incluindo a contribuição de funcionários públicos aposentados.

Para o economista-chefe do Banco Santander em Nova Iorque, Larry Goodman, o pacote fiscal é um passo na "direção certa" e que o governo foi "agressivo" ao atacar as raízes do déficit fiscal brasileiro. Para Goodman, as atenções agora deverão se voltar para o cenário político e para as possibilidades de aprovação das medidas.

"O sucesso dependerá muito do empenho do presidente Fernando Henrique em defender politicamente as decisões", diz Paulo Leme, do Goldman Sachs. Para analistas, o governo terá que jogar todas as fichas na aprovação das medidas pelo Congresso.

Para a analista do Lloyds, o mercado não terá muita paciência para esperar por negociações longas ou derrotas em votações. "Agora estão todos querendo ver resultados", diz Luciana Fagundes.

No primeiro ano, o ajuste estará calcado – como o pacote das 51 medidas do ano passado – no aumento de impostos. Este é o seu aspecto negativo, diz o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Alfredo Rizkallah. "Esperamos que esse sacrifício valha a pena, que as reformas estruturais sejam aprovadas".